Entre a Exclusão Social e o Exercício da Cidadania: Igrejas ‘Zione’ do Bairro Luís Cabral, na Cidade de Maputo

Teresa Cruz e Silva
Centro de Estudos Africanos
Universidade Eduardo Mondlane

Introdução

Estudos publicados sobre a Igreja e movimentos religiosos em Moçambique são raros, quer se trate do período colonial ou do pós-independência. Esta tendência tende a agravar-se particularmente quando se trata de grupos evangélicos, no sentido mais lato do seu significado.

Uma revisão da literatura sobre a história e sociologia da religião apresenta-nos uma excelente ilustração das dificuldades a que alguns académicos tiveram que fazer face quando postos perante a necessidade de classificar ou discutir o sentido do termo evangélico (Chidester, 1992; 1997; Freston, 2001; Balói, 1995).

O cristianismo evangélico, como categoria mais geral, aparece frequentemente associado às igrejas protestantes e, consequentemente, às disputas teológicas que opuseram Católicos e Protestantes durante o período da Reforma. A conversão pessoal, a salvação pela fé com centralidade no sacrifício de Cristo e sua morte na cruz, para além da importância da verdade das Escrituras (Freston 2001:2, e Cross e Livingstone, 1990:486), são alguns dos elementos que caracterizam o evangelismo. Há, mesmo assim, inúmeras polémicas que opõem os estudiosos desta temática. Apesar do centro da nossa discussão não se situar nesta problemática, por razões operacionais, tal como Freston (2001:2-4) adoptámos um conceito mais inclusivo de evangélicos,
onde cabem quer as chamadas Igrejas Indígenas Africanas (AIC’s – African Indigneous Churches)\(^1\) e os novos movimentos Pentecostais, quer as muitas vezes classificadas como Igrejas Missionárias Históricas (Protestantes) e suas ramificações \(^2\).

Utilizando o estudo das igrejas Zion\(^3\) na cidade de Maputo, particularizado no bairro Luís Cabral, no período 1980-1990, pretendemos com este artigo trazer para debate alguns dados que nos permitem observar a forma como os seus crentes e líderes participam na vida social e política do país.

A nossa opção pelo enfoque deste trabalho no espaço temporal que decorre entre 1980 e 1990, deve-se quer ao facto deste período corresponder a um crescimento importante do movimento evangélico em Moçambique, sobretudo na zona Sul, quer ainda porque se trata de duas décadas em que Moçambique passa por processos de rápidas transições políticas, económicas e sociais, cujo impacto vai determinar uma maior abertura nas relações entre o Estado e a Igreja, bem como a passagem da guerra civil para um processo de paz, a que se segue a introdução de um sistema político multipartidário e a construção de uma sociedade democrática. É neste ambiente de mudanças profundas que o nosso estudo tem lugar.

Ao escolher a cidade de Maputo para o estudo do Zionismo, tentámos tirar partido dos seguintes aspectos: i) um lugar por excelência para realizar uma pesquisa de interacções culturais, devido

---

\(^1\) Para Venter, as Igrejas Indígenas Africanas (AIC’s) na África do Sul podem ser agrupadas em Etiópicas, Apostólicas e Zionistas (Venter, 1999:106).

\(^2\) Veja o artigo de E. Morier-Genoud no mesmo número desta revista, que reflecte a sua visão sobre evangélicos.

\(^3\) De acordo com Sundkler (1961a: 54-55), ‘A utilização deste termo prende-se com o simples facto dos crentes e líderes destas igrejas se denominarem a si próprios como “ama-Ziyone”, Zionistas. Historicamente, as suas raízes têm origem na cidade de Zion, em Illinois nos Estados Unidos da América. Ideologicamente, eles reivindicam serem provenientes do Monte Zion em Jerusalém (...). Há um número incontável de grupos Zionistas cujas denominações têm variantes locais e individuais (...). Todos têm em comum como formas de expressão da sua fé, ‘as curas, falar em várias línguas, ritos de purificação, e tabús’ (tradução livre).
à sua história, mesmo a mais recente, onde se encontra a marca da definição e redefinição de pertenças que as mudanças econômicas, políticas e sociais por que o país passou no período em estudo condicionaram, e ii) o facto de Maputo ser considerada uma das zonas de maior crescimento do movimento Zionista nas duas últimas décadas do século XX.

Depois da introdução, o artigo trata: i) as tendências do desenvolvimento do movimento evangélico em Moçambique, ii) o movimento Ziona na cidade de Maputo: o bairro Luís Cabral, iii) guerra e religião, e finaliza com uma iv) conclusão, seguida de uma lista de referências bibliográficas.

I. Tendências do desenvolvimento do movimento evangélico em Moçambique


A legislação colonial, apesar de se apresentar carregada de medidas restritivas que criavam constrangimentos à expansão das igrejas Protestantes (Cruz e Silva, 2001 ) e das chamadas ‘seitas religiosas nativas’ (Figueira s/d), não conseguiu impedir a difusão do evangelismo, que ocorreu sobretudo nas zonas Sul e Centro de Moçambique. Uma parte importante dessa evangelização era feita por pastores e catequistas negros, utilizando línguas locais. O factor linguístico, acabou assim por desempenhar um papel importante no desenvolvimento de identidades e no enraizamento do sentido de pertença, ao mesmo tempo que dificultava à administração vigente, o controle da disseminação do evangelismo (Helgesson, 1994:60; Cruz e Silva 2001). As duas primeiras décadas do século XX, são marcadas
por uma expansão mais vigorosa deste movimento, que cresce de modo mais significante entre os anos 50 e 60, sob a forma de igrejas Etiópicas, Zionistas ou Apostólicas (Figueira s/d).

O alinhamento da Igreja Católica com o Estado colonial português no processo de dominação das suas colónias em África e o impacto do catolicismo na cultura portuguesa, criaram as condições para que a mesma igreja impusesse os parâmetros que fixavam a ‘normalidade religiosa’ (Bastian, 1998). A rejeição ou incapacidade de outras confissões religiosas de responder a estas ‘normas’, levou naturalmente ao seu processo de exclusão, como veio a acontecer com o movimento evangélico em Moçambique. Marginalizado e, em muitos casos, nem mesmo reconhecido pelo Estado colonial, no período pós-independência o movimento evangélico, tal como aconteceu no geral com a Igreja em Moçambique, sofreu um novo processo de exclusão (Morier-Genoud, 1998), protagonizado pela administração de um Estado constitucionalmente laico, e pelo partido no poder, na base de novos parâmetros normativos que passavam a definir o novo modelo de sociedade.

A desestabilização provocada pelo aceleramento da guerra na década de 80, a crise económica e a dependência da ajuda externa durante o mesmo período, transformaram Moçambique num país vulnerável a diferentes influências externas. Neste contexto, as estratégias adoptadas pelo governo para fazer face à crise que se vivia, levaram ao estabelecimento de ‘alianças’ internas e à definição de ‘parceiros’ com os quais cooperar, iniciando assim uma relação mais positiva com a Igreja e o caminhar para um processo de diálogo construtivo e de mudanças políticas. Estava assim também aberto um novo espaço para uma participação mais ampla das instituições religiosas na vida do país.

As mudanças políticas e sociais que caracterizaram as décadas de 80 e 90, associadas ao processo de desestabilização militar, acima referido, desastres naturais e reformas económicas, contribuíram para um relativo enfraquecimento do aparelho de Estado. Incapacitado de prover o bem-estar social e serviços básicos (água, electricidade, saneamento do meio, saúde e educação) à maioria dos seus cidadãos, o Estado acaba por colocar uma parte da responsabilidade pela gestão
social nas mãos da chamada sociedade civil⁴, como são os casos de associações de diferentes tipos, Organizações Não-Governamentais (ONG’s),  igrejas, organizações e redes de solidariedade primárias (Cruz e Silva, 2000). É neste contexto que emerge uma ‘revitalização religiosa’ (Roesch, 1994:45), marcada por um crescimento significativo do evangelismo, em presença de um espaço político e social mais amplo para desenvolver e dissiminar a sua influência.

A guerra confinou uma parte importante das populações das áreas rurais a espaços urbanos e peri-urbanos, tal como as capitais distritais e provinciais, onde as condições de segurança, relativamente melhores que nas suas zonas de origem, acabaram por desempenhar um papel fundamental no processo que levou à alteração da geografia humana, econômica e ambiental da maior parte destes espaços. Deste modo, as duas últimas décadas do século XX podem ser caracterizadas por uma rápida expansão das áreas urbanas (Ministério do Plano e Finanças, 1996: 15). As maiores cidades do país, como Maputo e Beira, podem ser consideradas dois exemplos de um processo de crescimento urbano feito sobretudo pela via das migrações campo – cidade, mas ao mesmo tempo apresentando a particularidade de agregarem migrantes provenientes de todo o país (Araújo, 1990:80). O rápido processo de urbanização coincide com um simultâneo crescimento do movimento evangélico, à semelhança do que aconteceu na vizinha África do Sul, onde o mesmo processo aparece associado à expansão do número de Igrejas Indígenas Africanas (Venter, 1999: 101-103). Neste contexto, não podemos deixar de referir o crescimento explosivo de igrejas.

⁴ A definição ou classificação da sociedade civil transformou-se em tema gerador de diversas discussões e opiniões divergentes no mundo académico. Nos países que passam por transições políticas, a discussão referente ao que é a sociedade civil assume uma importância ainda maior, sobretudo quando se parte do princípio que ela tem um papel importante a desempenhar nos processos de construção de uma sociedade democrática. Muito embora esteja fora do âmbito do nosso trabalho entrar neste tipo de debates, não deixa de ser importante sublinhar que no nosso estudo, a utilização do conceito sociedade civil está associada a diversas organizações, incluindo as organizações não-governamentais (ONG’s) e associações de diversa índole, que na década de 90 sofreram um crescimento notável (Sogge,1997), bem como igrejas.
pentecostais nas periferias das cidades de Moçambique (particularmente na região sul), zonas 'cinzentas' de fronteira entre o meio ambiente urbano e o rural.


No processo de construção dos indicadores para a avaliação da informação que nos permita aferir as tendências religiosas em Moçambique, não se pode ignorar que os parâmetros que definem a normalização da sociedade sofrem constantes mutações. Assim, os laços sociais e simbólicos que ligam determinados actores sociais a certos valores, podem também sofrer uma ruptura nesse processo de mudanças (Xiberras 1993), que leva a que as ‘margens’ se transformem em novas ‘margens’ (Bastian, 1998). Muito embora Moçambique, pela sua história e situação geográfica seja desde há muito marcado por uma pluralidade cultural e portanto também religiosa, as sucessivas transições porque passou levam-nos a afirmar que o campo político desempenhou um papel vital no
desenvolvimento dessa pluralidade religiosa, como pode ser ilustrado pela já referida explosão de igrejas evangélicas nas duas últimas décadas do século XX. Neste contexto, é assim possível encontrar no seio do movimento evangélico um novo processo que estabelece a ‘normalização’ religiosa, onde é visível a exclusão da maior parte das pequenas igrejas, sobretudo as de tipo etiopicas, zionistas e apostólicas. Nesta base, podemos especular a possibilidade de que a cobertura nacional de crentes Zione, resultante da análise feita aos dados do censo de 1997, seja maior do que a que aparece estimada, já que o estigma a que as pequenas igrejas estão ainda sujeitas através da inferiorização a que são votadas por parte de numerosos cidadãos e mesmo de outras igrejas, poderá eventualmente ter influenciado a informação dada para registo estatístico.

Como foi já referido, se excluímos os evangélicos que tiveram origem nas igrejas missionárias na zona Sul, a sua expansão fez-se predominantemente através dos comerciantes negros e trabalhadores migrantes provenientes da África do Sul. Para as zonas Norte e Centro alguns penetraram no país através dos territórios que são hoje o Malawi, Zambia e Zimbabwe. É de referir que a influência dos países vizinhos no campo de interações religiosas, particularmente da África do Sul, se mantém ainda hoje. No entanto, embora o crescimento das igrejas evangélicas seja frequentemente associado a cisões e divisões no seio de algumas igrejas, muitas das quais originárias dos países vizinhos, e que levam à fundação de novas igrejas, quer estejamos a falar das que há muito estavam estabelecidas, ou ainda as de origem mais recente, a maior parte delas têm características particulares e locais. E tal como foi referido por David Martín:

À principal vaga crescente não se situa no evangelismo mais antigo e estabilizado, mas no pentecostalismo. Isso significa que estamos perante movimentos que nos apresentam as chamadas “oferecimentos dos espíritos” (tal como curas, profecias, falar em diferentes línguas)” (Martín, 1999: 38, tradução livre).

Devido às origens do evangelismo em Moçambique, este movimento floresceu sobretudo nas zonas rurais. No entanto, muitas das igrejas que nasceram a partir de raízes de igrejas missionárias, mesmo que inicialmente tenham desabrochado e se tenham fixado nas
zonas rurais, criaram também raízes urbanas. Na verdade, em muitos casos houve um profundo enraizamento nas principais cidades do Sul do país, mesmo antes da independência nacional (1975). É assim que uma parte importante das élites nacionais urbanas com um ‘background’ religioso cristão (não-católico) é também produto do impacto das actividades das igrejas evangélicas na área social, onde a educação (instrução) desempenhou um papel fundamental na formação e diferenciação de classes (Cruz e Silva, 2001).

A disseminação mais recente do evangelismo (1980-1990) apresenta características diferentes das referidas para os períodos anteriores, onde uma parte do seu crescimento e enraizamento está marcado pelo já mencionado processo de urbanização rápida da população rural, onde os desafios impostos pelas inúmeras determinantes globais e locais nas alterações sociais e económicas que se fizeram sentir no país, acabaram por desempenhar o papel de alguns dos agentes mais dinâmicos neste processo.

Uma parte importante das igrejas Zionistas pode assim também ser encontrada nas periferias das cidades, onde a maioria das populações sofre a contigência de problemas como: i) difícil acesso à educação, saúde, água potável, electricidade, transportes e saneamento do meio; ii) desemprego ou subemprego, tendo muitas vezes que recorrer ao comércio informal como única estratégia de sobrevivência e iii) elevados índices de criminalidade é um sentido geral de insegurança física e social. A pobreza e o desemprego, que representam a incapacidade destes cidadãos de poderem participar nos mercados do consumo e de produção, levam à ruptura dos seus laços económicos, condenando-os a um processo de exclusão, que está naturalmente associado a processos de estigma e desqualificação, que aumentam na mesma proporção do crescimento das clivagens sociais (Serra, 1998).

II. O movimento Ziona na cidade de Maputo: o Bairro Luís Cabral

Os dados referentes ao Zionismo na cidade de Maputo utilizados neste trabalho, são produto de parte dos resultados de análise da investigação empírica realizada no Bairro Luís Cabral, no âmbito do projecto sobre ‘Redes sociais e o papel das instituições religiosas na
periferia da cidade de Maputo', e igualmente no âmbito do projecto 'Evangelical Christianity and Political Democracy in Asia, Africa and Latin America'. A informação existente nos arquivos da Direcção Nacional dos Assuntos Religiosos do Ministério da Justiça, que faz a cobertura das igrejas e instituições de carácter religioso registadas a nível nacional, à qual tivemos acesso, bem como a informação extraída da nossa revisão de literatura sobre Moçambique (Honwana, 1996; Rocch, 1994; Balói, 1995; Helgesson, 1994; Hastings, 1991; Figueira, s/d; Agadjanian, 1999, entre outros), à literatura comparativa sobre a região Austral de África (Comaroff, 1985; Gifford, 1993; 1995; 1997; Maxwell, 1998; Venter, 1999, Sundkler, 1961 a e b; 1976, para referir alguns), e estudos diversos de carácter teórico e cobrindo diversos países, constituem um valioso contributo e um complemento ao trabalho empírico.

O Bairro Luís Cabral, onde decorreu a parte mais relevante do nosso trabalho de campo, era originalmente conhecido por 'Chinhambanine', uma vez que a maioria da sua população é constituída por indivíduos originários, ou descendentes de indivíduos provenientes da província de Inhambane. Nasceu durante o período colonial, numa época difícil de precisar, como resultado da expansão

---

5 Quero agradecer à The Ford Foundation que financiou o primeiro projecto durante um período de mais de quatro anos, e à INFEMIT – USA (International Fellowship of Evangelical Mission Theologians), pela iniciativa e financiamento do segundo projecto (1999-2001), e em particular ao coordenador regional para África deste projecto, Prof. Terence Ranger, pelo seu permanente apoio na discussão dos resultados de investigação. Os nossos agradecimentos são também estendidos aos assistentes de investigação de campo no Bairro Luís Cabral, no âmbito dos dois projectos, cuja colaboração foi preciosa: Hilário Diuty, Zefanias Matsimbe, Mário Rui Tsaquice, António Langa, Adriano Biza, Ana Maria David, Isabel Tembe, Sónia Massangaia e Padil Salimo.

6 Estou profundamente agradecida ao Director Nacional, Sr. Job Chambal, e aos funcionários destes serviços pela colaboração prestada para a realização do nosso trabalho e pela generosidade com que se prontificaram a dispôr do seu tempo para nos apoiarem.
dos limites da cidade de Lourenço Marques (hoje Maputo). O seu perfil mais típico é predominantemente marcado pela cultura do povo Chope, embora no bairro se possam encontrar outras influências como a de migrantes provenientes de Inhambane entre os quais, os (bi) Tonga e os (ma)Tswana, bem como de migrantes provenientes de outras províncias do Sul do país, sobretudo durante a guerra civil que assolou o país, como os Shangane de Gaza, e a característica população da cidade e província de Maputo, os Ronga.

O Bairro Luís Cabral constitui uma das muitas zonas periféricas da cidade, que fazem fronteira entre o mundo rural e o urbano. Uma parte da sua população vende a força de trabalho quer na cidade de Maputo, quer nas zonas fábricas da Matola e Machava. Contudo, a prática de horticultura feita no vale do Infulene, que bordea o bairro, complementa os salários de muitas famílias. O comércio informal, e o subemprego, são características dominantes de uma população em busca permanente das mais diversas alternativas de sobrevivência. Um pouco por toda a parte, podemos ver homens, mulheres e crianças de diferentes idades vendendo um pouco de quase tudo, bem como pequenas oficinas de carpintaria, latoaria e outras actividades artesanais. A água potável e a electricidade são apenas acessíveis às famílias que podem cobrir este tipo de despesas. O acesso à escola é limitado pelo número de lugares disponíveis (apenas 3 escolas primárias), e as facilidades de acesso aos transportes, comunicações e aos serviços de saúde, não cobrem as necessidades da população.

Uma excelente ilustração da proliferação de igrejas evangélicas no Bairro Luís Cabral pode ser feita através de uma visita ao local num Domingo. Um pouco por todo o lado é possível observar inúmeros cultos religiosos decorrendo em simultâneo em pequenas habitações ou em pequenas construções onde funcionam as igrejas. O ar fica repleto de cânticos religiosos, e as ruas enchem-se de um número incontável de indivíduos, trajando roupas domingueiras coloridas,

7 O bairro foi denominado Luís Cabral depois da independência nacional, quando o Presidente Samora Machel visitou o local acompanhado pelo então Presidente da Guiné-Bissau, Luís Cabral.

8 Aproximadamente 34.037 habitantes em 1999. Entrevista com o Sr. Alberto Safu, administrador do bairro Luís Cabral.
típicas de algumas destas igrejas. Como um ‘close-up’, esta imagem repete-se em outros bairros periféricos da cidade.

Muitas das igrejas Zion situadas no Bairro Luis Cabral, são apenas sucursais, estando as suas sedes em outros pontos, o que nos levou frequentes vezes a estender o nosso estudo para outras zonas da cidade. A maior parte das igrejas que foram objecto da nossa análise são de pequenas dimensões, com uma média que se situa entre 50 a 60 membros. Localizadas habitualmente junto das casas dos seus líderes, ou funcionando também nas habitações dos Pastores e dos Bispos, são construídas em materiais precários, um reflexo dos recursos económicos dos seus crentes.

Os crentes Zion deste bairro, tal como já referido para a cidade de Maputo, em termos gerais, pertencem aos grupos mais marginalizados da sociedade, vivendo na franja da pobreza. Assim, na maioria das igrejas, as redes sociais construídas em redor de uma identidade religiosa, passaram a constituir aspectos fundamentais para a sobrevivência das famílias. As doenças, as mortes e outras situações de crise familiar são momentos em que a solidariedade entre os diversos crentes e as redes a que estão associados se fazem sentir com mais força. Esta solidariedade situa-se frequentemente muito para além dos aspectos económicos e materiais, e estende-se também para as áreas de aconselhamento e resolução de conflitos, normalmente relacionados com problemas no seio da família ou da comunidade. A exclusão gera assim um processo de reagrupamento e de reconhecimento recíproco e a reemergência de alternativas e de novas identidades, entre as quais as religiosas (Falk, 2000; Hespanha, 2001).

As igrejas mais estabelecidas fazem a colecta do ‘dízimo’, algumas vezes apenas anualmente, devido às limitações financeiras dos seus membros, contribuição essa utilizada para cobrir algumas despesas administrativas, que em alguns casos inclui o salário do Pastor e/ou do Bispo, ou para apoiar os crentes em momentos de crise. Em outras igrejas, também é costume pedir-se uma contribuição financeira, de acordo com as posses de cada um, para casos de funerais e doenças.

Se compararmos as igrejas que foram objecto do nosso estudo com outras existentes na cidade de Maputo, ou ainda com a informação registada nos arquivos do Ministério da Justiça, poderemos concluir que embora as igrejas oficialmente registadas e assim reconhecidas
sejam lideradas por indivíduos com uma educação de nível básico³, a realidade mostra-nos que a maior parte dos indivíduos que aderem às igrejas Zione são iliterados. Nas igrejas não registadas, quer por não reunirem os requisitos exigidos oficialmente e a capacidade financeira para os trâmites associados a esse registo, quer porque isso também entra em contradição com o seu espírito, em muitos casos, os seus líderes são também iliterados. Estamos assim perante uma situação em que a noção de literacia funciona como um equivalente para um processo de inclusão ou de exclusão social.

A forma de organização das igrejas Zione, longe de se reger por regulamentos e normas burocráticas, constitui-se em redor de um líder carismático, no geral um profeta, que na maioria dos casos é também iliterado. Associada a este aspecto, e pelas características do Bairro Luís Cabral, podemos acrescentar a identidade étnica em redor da qual se constroem muitas vezes não só as redes sociais, mas também as forma de organização de tipo religioso.

_Cura e Purificação, pontos-chave na adesão ao Zionismo_

As igrejas Zione trabalham no quadro da doutrina cristã, onde diferentes rituais, particularmente os relacionados com a cura e a purificação são incorporados, tendo como característica comum a intervenção do Espírito Santo. O movimento Zionista em Moçambique, é constituído por diversos tipos de igrejas, distintas entre si por variantes doutrinárias, litúrgicas e pelos rituais (Agadjanian, 1999). Se exceptuarmos as diferenças mencionadas, a maioria delas tem em comum aspectos ligados a tabús alimentares e a bebidas (contra o álcool, algumas espécies de peixes de água doce, porco, pato e coelho, etc), e interdições comportamentais, particularmente dirigidas às mulheres (por exemplo depois do parto e durante os períodos menstruais). O uso de tamoires e para a maioria dos casos, o uso de um certo tipo de vestuário (Comaroff, 1985: 167,187), onde as cores têm significados diferentes de acordo com as revelações feitas aos profetas durante os seus sonhos, são também aspectos comuns a

³ Para que uma igreja possa ser reconhecida oficialmente, entre outros requisitos, deve ser liderada por um indivíduo com educação básica e possuindo um curso bíblico.
muitas igrejas. Variando de acordo com as características de cada igreja, os seus líderes espirituais podem fazer apelo ou rejeitar a posse pelos espíritos e a interpretação dos sonhos para o processo de cura.

A forma de organização hierárquica é semelhante na maior parte das igrejas, com pequenas variantes. Na estrutura organizativa destas mesmas igrejas, os Bispos, encontram-se normalmente no topo da hierarquia religiosa, havendo depois os Pastores, catequistas, os conselheiros e outros cargos, sem esquecer as associações de mulheres e jovens. É tal como nos é descrito por Agadjanian (1999), a relação que se estabelece entre o Bispo e os outros membros da hierarquia da igreja, acaba por assumir uma forma simbólica, permitindo assim aos membros da direção da igreja, gozar de uma grande autonomia. Contudo, o papel desempenhado pelo profeta carismático, à volta do qual gravitam os crentes, é um aspecto central nestas igrejas, sobretudo quando se trata de realizar rituais associados à cura e à purificação.

Os rituais de purificação e os associados às curas funcionam como ‘pivots’ no processo de adesão ao movimento zione, particularmente em situações de crise social, tal como as que afectaram Moçambique nas décadas de 80 e de 90, bem como para fundamentar as causas que levaram ao crescimento do movimento durante o referido período. Muitos dos nossos entrevistados aderiram a uma igreja Zione porque aí encontraram a cura para vários problemas de saúde, quer se trate de casos em que a procura da igreja Zione foi o primeiro recurso, quer para os casos em que os rituais Zione funcionaram como alternativa à ‘medicina ocidental’.

A procura da cura nas igrejas Zione varia de acordo com as necessidades dos indivíduos, que podem ir desde as doenças que afligem as mulheres, como dores menstruais, infertilidade, e no geral, doenças associadas ao aparelho reprodutor feminino, a outras que afligem pessoas de ambos os sexos e diferentes idades, como febres, asma, ataques e dores abdominais, para citar algumas, sem falar dos numerosos rituais ligados à expulsão de Satanás, dos maus espíritos, doenças do campo psico-somático e diferentes tipos de purificação.

Rituais associados a desordens traumáticas, para purificação ou simplesmente para protecção, são característicos do Zionismo. Como
nos explica Alcinda Honwana (1996:356-357), os indivíduos que estiveram expostos a contactos com pessoas mortas ou outros ambientes possíveis de conter ‘poluição social’, são susceptíveis de ‘ser potenciais contaminadores do corpo social’, pelo que devem ser sujeitos a rituais de purificação. Confirmando esta opinião, muitos dos nossos entrevistados falam-nos da necessidade que a sociedade tem de ser submetida a esse tipo de rituais, mesmo em situação de paz. Foram-nos dados numerosos exemplos sobre momentos em que se impõe essa necessidade, como depois de um parto, depois de um período menstrual, em ocasiões em que os indivíduos estiveram em contacto com a morte, mesmo que apenas em visita a um cemitério, apenas para citar alguns.

No período em que se desenvolve a nossa investigação, são centrais os rituais de purificação associados à reintegração dos indivíduos na sociedade, particularmente no que se refere aos trabalhadores migrantes, depois de longas ausências da sua terra natal, ou soldados/guerrilheiros regressados a casa. Os indivíduos raptados durante o período de guerra, ou que tiveram qualquer contacto com a morte e a violência que lhe estão associadas, antes de se juntarem aos seus familiares e à comunidade de onde são originários, devem ser ‘limpos’ da poluição que transportam. As áreas onde se realizaram batalhas ou que por motivos associados à guerra são conhecidas por zonas onde as almas dos indivíduos falecidos que não tiveram um funeral vagueiam sem rumo e sem paz, aterrorizando os vivos, são ainda hoje objectos de rituais de purificação.

As mulheres no movimento Zionist

O índice de concentração de mulheres nas igrejas Zione é um padrão que corresponde não só a estas igrejas, como também em geral, a outras igrejas cristãs. Contudo, quando questionados sobre as razões que levariam a uma tão grande adesão de mulheres às suas igrejas, a maior parte dos nossos entrevistados justificou este ponto, remetendo essa resposta para o papel que a mulher deve tradicionalmente desempenhar no seio da família e da sociedade, como boa mãe, educadora, e boa esposa. Esta situação acaba por ter reflexos na organização da igreja, onde a sua colaboração é vital, quer para nos
cultos religiosos, quer ainda em outras cerimónias. Uma outra justificação dada pelos créntes para a existência de uma maior frequência de mulheres é o próprio facto de se relacionar a forte presença das mulheres na igreja com a necessidade que elas têm de tratar da sua saúde e da dos seus filhos. Assim, para alguns dos nossos informantes, o processo de cura é uma justificação para explicar o grande número de mulheres entre os créntes das igrejas Zion.

Não fugindo muito do padrão de outras igrejas evangélicas, os Zione dão uma ênfase muito grande ao papel da família no seio da igreja, com um estímulo para casamentos monogâmicos e para a educação da juventude, onde se atribui à mulher um papel fundamental na estabilidade dessa mesma família.

Numa sociedade onde os meios de pertença, e no geral, o tecido social foi afectado pelas crises sucessivas que assolaram o país, agravadas pela guerra e frequentes processos de migração (Andrade et al, 1998), a moralização da sociedade e o apeio aos valores morais cristãos podem ser interpretados como uma forma de reconstrução social. Neste processo, a igreja desempenha uma função integradora, em oposição ao processo de exclusão social, na medida em que consegue reagrupar indivíduos ligados por uma identidade, a religiosa, onde o esforço para o restabelecimento da coesão social faz parte do conjunto das suas actividades.

De acordo com algumas das nossas informantes, embora nas suas igrejas a maior parte dos créntes sejam do sexo feminino, o poder está nas mãos dos homens. Isto significa também, como nos foi possível constatar, que as mulheres apenas têm acesso aos lugares cimeiros da liderança na hierarquia da igreja, por delegação. Este é por exemplo o caso das esposas dos Bispos (conhecidas por ‘Bishopas’), que nessa qualidade são designadas para assumirem posições de liderança. Confirmando este aspecto, as nossas entrevistadas disseram-nos que não é permitido a uma mulher solteira assumir uma posição de liderança dentro da igreja, ficando as suas actividades resumidas a posições como conselheira, na organização da igreja ou no trabalho com a juventude. Na realidade, a mulher não está ausente dos espaços

______________________

10 Tudo leva a crer que o termo Bishopa seja uma adulteração do que seria o feminino da palavra Bispo (Bishop), na língua inglesa.
públicos. Não podemos deixar de mencionar que em algumas igrejas se encontram mulheres Profetisas ou Pastoras sem ser por delegação de poderes, ou ainda chefes de associações no seio da comunidade religiosa. Uma leitura mais atenta e profunda desta situação, e das relações de género no seio destas igrejas, levar-nos-á certamente a concluir que esse ‘espaço público’ é, na realidade, na maior parte dos casos, um prolongamento do espaço doméstico e está quase sempre separado do espaço masculino. As igrejas Zione, acabam assim por reproduzir os modelos dominantes de uma sociedade patriarcal.

Zionismo e participação política

Nos estudos referentes à participação das igrejas evangélicas na vida política¹¹, é frequente apontar-se o facto destas terem contribuído para a emergência de uma cultura democrática, podendo-se atribuir ao evangelismo a criação de um espaço aberto por excelência para o exercício permanente das práticas democráticas, através i) das tradicionais discussões em assembleias que fazem parte das suas práticas e da educação que é transmitida aos mais jovens, ii) da forma de interpretação do Evangelho, com ênfase no Antigo Testamento, onde se podem encontrar caminhos que apontam para a liberdade do homem. Esta situação, pode de algum modo influenciar uma auto-reflexão sobre a situação particular de cada crente e a necessidade de sua participação na vida política e social, que em alguns casos se pode estender à própria instituição religiosa, particularmente em determinados contextos históricos, iii) da função integradora desempenhada pelas igrejas evangélicas através de formas de coesão e reintegração social, e iv) da ênfase colocada pelas comunidades evangélicas no exercício da cidadania, através dos ensinamentos que lhes são transmitidos no âmbito da educação cívica, para o respeito

pelas leis vigentes e pelas autoridades. Ao mesmo tempo, muitas destas instituições religiosas tentam manter um distanciamento em relação aos governos e partidos políticos, sem deixar de desafiar e contestar processos como a violação de direitos humanos e os sistemas políticos corruptos. Finalmente, v) o seu papel mais geral de moralizador da sociedade.

Como referimos mais acima, o nosso estudo decorre num espaço temporal em que estamos perante um Estado erodido e fraco (Santos, 1998; 2001; Cruz e Silva, 2000). Na sequência desta situação, poderemos também falar de erosão e da crise do próprio conceito de cidadania, se partirmos do pressuposto que: i) em termos gerais, a cidadania se refere a uma situação em que os direitos civis e humanos são regidos por princípios possíveis de implementar e defender por meios legais, e que atribui responsabilidades ao Estado na defesa desses mesmos direitos, e que ii) a crise da cidadania significa uma interrupção, ou um não respeito pelos direitos civis, em geral com uma abstenção ou fraca presença do Estado (Hettne, 2000: 36-37; Falk, 2000).

No procura de uma relação entre as igrejas Zion e seus crentes e a sua posição face ao exercício dos seus direitos como cidadãos, no processo mais vasto que envolvia o estudo de outras igrejas evangélicas, tentámos avaliar a relação entre esse direito e a participação das igrejas Zion, na vida social e política do país, neste último caso, com um enfoque na análise da sua participação no processo eleitoral, com base nas eleições presidenciais de 1999, através do trabalho realizado no terreno, desde o período de preparação à fase pós-eleitoral. Estava fora de questão quantificar o voto cristão, pelo que as nossas entrevistas e sobretudo a observação indirecta deveriam permitir-nos avaliar o envolvimento dos crentes Zion neste processo.

Os testemunhos dos nossos entrevistados referiram-nos que depois que foi introduzido o sistema multipartidário no país, os movimentos eleitorais a nível nacional e local contaram sempre com a sua colaboração no processo de educação cívica dos seus crentes, seus direitos e deveres, independentemente da opção política de cada um, sem que no entanto a igreja assumisse qualquer posição partidária. A confirmar estes dados, foi-nos possível observar que durante as
eleições presidenciais de 1999, para além da consciencialização feita aos seus crentes para a importância do exercício do voto como um acto individual de cidadania, os cultos de domingo eram sempre acompanhados por mensagens educativas ligadas à mesma temática, e preces que auguravam sucessos para o processo eleitoral, a benção divina para o trabalho dos organizadores do mesmo, e mais tarde, orações pelos vencedores legalmente eleitos. De acordo ainda com as informações dos nossos entrevistados, e tal como tivémos oportunidade de verificar nos estatutos de igrejas Zion depositados no Ministério da Justiça, os crentes têm a obrigação e o dever de respeitar as leis vigentes e as autoridades legalmente eleitas ou nomeadas.

Quero concordar com Otto Roech, na sua análise sobre as mais recentes vagas de igrejas evangélicas cristãs em Moçambique, uma vez que considero que os Zion, embora difusos na sua natureza, e com uma adesão extraordinariamente orientada para questões locais, são, ‘mais uma força política heterogénea, do que uma força que poderá vir a assumir uma forma de significado nacional, ou mesmo regional, um bloco votante (…) a nível local e comunitário. Contudo, eles podem vir a provar que são uma força política e social que merece reconhecimento’ (Roeh, 1994:14. Tradução livre). A educação cívica dos seus cidadãos, onde lhes são ensinados os seus direitos e deveres, e o respeito pelas autoridades legalmente reconhecidas, são para nós um exemplo da importância que os Zion atribuem ao exercício da cidadania, e da sua força política e social, mesmo se tomarmos em linha de conta a sua heterogeneidade e a sua orientação muito localizada, como se referiu, para além de uma presença aparentemente invisível, em termos de intervenção social.

III. Guerra e religião

As transições económicas, políticas e sociais, incluindo as relacionadas com o impacto da economia global, produzem situações de insegurança não só física, económica, política e da mais variada ordem, a que não estão alheias as formas alternativas de procura de um caminho para a estabilidade, a paz, e até para o poder. A humilhação e a vulnerabilidade provocada por estes processos, que
dão uma maior visibilidade à estigmatização e a todas as formas de desqualificação do cidadão levam à emergência e desenvolvimento de fenômenos e movimentos religiosos. O recurso à feitiçaria aos poderes mágicos e religiosos, aparecem também muitas vezes associados a esta busca de fontes alternativas para responder aos problemas existentes.

Uma revisão da literatura referente aos países vizinhos mostra-se rica em exemplos que ilustram o papel de destaque desempenhado pela religião em contextos de guerra (Ranger; 1995; Bhebe e Ranger: 1995; Lan, 1987). As diferentes formas de abordar esta temática, como diz Heike Behrend: ‘marcam o início do desenvolvimento de uma antropologia de guerra que não só tem de fazer face ao tradicional estado de guerra, mas acima de tudo, tenta compreender as recentes guerras modernas ou pós-modernas nos seus contextos global e local’ (Behrend, 1999:20. Tradução livre).

A guerra civil que se desenvolveu em Moçambique nas últimas décadas do século XX, e o processo de busca pela paz, criam à partida um ambiente propício para o desenvolvimento dos fenômenos acabados de referir. Nos estudos a que tivemos acesso, as análises sobre guerra e religião em Moçambique aparecem normalmente associadas ao processo de luta armada de libertação nacional, onde são muitas vezes reportadas as relações entre os guerrilheiros e missões e sacerdotes cristãos. Outros fazem referência a poderes mágicos ou alguns cultos cujo conhecimento nem sempre foi bem explorado, bem como à guerra pós-independência que envolveu a Frelimo e a Renamo. O último aspecto, refere-se particularmente a:

i) respostas quer da população rural quer de algumas igrejas, a situações de violência, com ‘atitudes pacifistas’, como foi o caso das Testemunhas de Jeová na província da Zambézia, para quem ‘o culto da violência não tinha qualquer impacto uma vez que estes estavam convictos das suas capacidades para dominar a morte e sofrer através da fé’ (Wilson, 1999:27, tradução livre), ou com cultos de contra-violência, como é o exemplo do culto dos Naparama.12 Sob a liderança de um homem jovem, Manuel António, o culto que emergiu entre os finais de 1989 e inícios de 1990 na área de fronteira entre

---

12 Naparama, uma palavra Makua que significa ‘força irresistível’. 
Nampula e Zambézia, era organizado em redor da ideia de uma vacina contra as balas (Vines, 1991; Wilson, 1992a e 1992b; Pereira, 1999); respostas das populações rurais a situações de violência através da criação de bolsas de território protegidas pela existência de espíritos de chefes locais com poderes mágicos, em certas áreas onde a Renamo não entrava, tal como Golombi no distrito de Morrumbala (Zambézia), ou o tão conhecido caso do espírito Mungoi no Sul de Moçambique (Wilson, 1992a, Vines, 1991). Deste modo, a guerra que opôs a Frelimo e a Renamo, foi também ‘a guerra dos espíritos’ (Wilson, 1992a), onde a ‘violência foi ritualizada’ e de uma certa forma, as crenças populares foram instrumentalizadas (Wilson, 1992a; Vines, 1991), tendo como objectivo o controlo do poder e do território. Embora durante o nosso trabalho de campo não tivéssemos aprofundado a relação entre a guerra e a instrumentalização de que os Zione foram alvo, alguns relatos revelam-nos que dos dois lados onde se desenvolvia a guerra, era frequente raptar Profetas Zione, com a convicção de que os seus poderes mágicos poderiam ser vantajosos (Informação pessoal de André Chithhango, 2001).

ii) rituais religiosos e familiares que tiveram lugar depois da guerra, incluindo os rituais cristãos para purificar a sociedade dos danos provocados pela morte e pela violência (Honwana, 1996), onde os zionistas desempenharam um papel vital.

Os dados acabados de mencionar levam-nos assim a concluir, que ‘a religião permitiu aos indivíduos experimentar de diferentes formas a sensação de serem reconhecidos como seres humanos. A religião não só esteve envolvida num processo de humanização, mas também com as forças da desumanização (...). A religião, também se envolveu com os campos económico e social e estabeleceu relações de poder político que privilegiaram alguns, mas que excluíram muitos outros da possibilidade de ter acesso ao poder’ (Chidester, 1992:xi. Tradução livre). Estamos assim perante um processo de relação entre o eu e o outro, em que o sistema de equivalências que estabelece a identidade e simultaneamente a não pertença, gera a inclusão e a exclusão, que instrumentaliza a religião e as crenças populares, dando-lhes facetas humanas ou desumanizadas.

A história de Moçambique, tal como a de muitos outros países africanos, é rica em exemplos que ilustram a forma como a religião
esteve sempre presente na arena política, nos bons e maus momentos, onde refugiados e regressados confinados em campos ou mesmo nas suas aldeias de origem desempenharam o papel de agentes sociais em face de uma situação política hostil. Os processos de purificação e cura como formas de reconstrução política depois da guerra, transformaram-se assim em elementos vitais nos esforços de construção de uma sociedade democrática (Ranger, citado por Shah, 2000), e onde foi necessário aprender a respeitar a diferença.

Durante os anos 80 e 90, a Igreja foi frequentemente colocada perante os desafios que lhe foram impostos pela sociedade, entre os quais, a necessidade de dar uma resposta à violência provocada pelas políticas neo-liberais e pela guerra e seus impactos. Mais do que reestruturar e reintegrar, a Igreja foi também chamada a desempenhar um papel vital no processo de reconciliação nacional. Aqui, um dos mais notáveis esforços feitos pelas igrejas evangélicas em Moçambique nos últimos 20 anos, consistiu na implantação e desenvolvimento de uma cultura de paz, um passo fundamental para uma maior abertura ao diálogo.

Uma cultura de paz, reveste-se de particular importância num país recentemente saído de uma guerra, onde a tolerância, o respeito pelas diferenças e pelos direitos humanos dos cidadãos são aspectos fundamentais. As igrejas zione acabadas de referir, não foram uma exceção neste ponto, se bem que actuando de formas diferentes, das igrejas mais visíveis, particularmente os membros do Conselho Cristão de Moçambique (CCM)\(^\text{13}\), que se destacaram de forma pública no processo de procura pela paz e sua manutenção, dadas as suas características e peculiaridades.

\(^{13}\) No seu processo de procura de paz, em 1984 o Conselho Cristão de Moçambique criou a "Comissão de Paz e Reconciliação", onde se integrou a maioria dos dirigentes das igrejas deste conselho, nomeadamente: Metodista Unida, Metodista Livre, Metodista Wesleyana, União Baptista, Congregacional, Presbiteriana, Anglicana, Igreja de Cristo em Manica e Sofala e do Nazareno. O CCM, desenvolveu até 1992, um longo processo de trabalho para a concretização dessa paz (Sengulane, 1994).
IV. Conclusão

A Igreja Católica, ao assumir uma posição de alinhamento com o governo português no processo de dominação das suas colónias em África, não só legitimou a política de colonização, como criou também as condições para assumir uma posição privilegiada, que lhe permitiu impôr os parâmetros que fixavam a ‘normalidade religiosa’. A rejeição ou a incapacidade das outras confissões religiosas para aceitar ou corresponder a estas normas, levou ao seu processo de exclusão, como aconteceu com o movimento evangélico em Moçambique, durante a vigência colonial. No período pós-independência, os parâmetros normativos que definiam o novo modelo de sociedade também excluíram as igrejas evangélicas, como no geral o fizeram com a Igreja como um todo, através de uma administração do Estado constitucionalmente laico, e do partido no poder, a Frelimo.

Nas décadas de 80 e de 90, determinantes locais e globais levaram o país a passar por várias transições económicas, políticas e sociais, em consequência das quais se iniciou um diálogo construtivo entre o Estado e a Igreja, e se abriu um novo campo para uma ampla participação das instituições religiosas na vida do país. É neste contexto que emerge uma ‘revitalização religiosa’ (Roeh, 1994), marcada por uma explosão do movimento evangélico, e onde se destaca o crescimento de igrejas de tipo zionistas, etiópicas e apostólicas. Paralelamente ao alastramento do perímetro das zonas urbanas, na consequência das migrações campo-cidade que ocorrem neste período, há um igual crescimento do movimento evangélico nas periferias das cidades.

O campo político criou as condições para o desenvolvimento de uma pluralidade religiosa, e um novo processo de ‘normalização religiosa’ marcado por outros parâmetros associados a um novo modelo de sociedade, onde mais uma vez a rejeição das ‘representações normalizantes’ leva alguns grupos a um processo de estigmatização e exclusão. No seio do movimento evangélico, são sobretudo as pequenas igrejas que emergiram do crescimento deste movimento nas duas últimas décadas do século XX, e acima referidas, que sofrem um processo de estigmatização e exclusão. Do ponto de vista económico,
a sua marginalização faz-se pela sua incapacidade de participar nos mercados de consumo e de produção, e do ponto de vista social e religioso, pelo rompimento com os laços sociais e simbólicos que ligam os actores sociais aos valores estabelecidos pelo modelo de sociedade e a 'normatividade religiosa' estabelecidas (Xiberras, 1993; Bastian, 1998).

Caracterizada por uma extrema fragmentação, pobreza e iliteracia, a base sócio-económica da maioria das igrejas Zione e seus crentes, condiciona-lhes à partida um lugar à margem da sociedade, que é agravado pelo estigma identitário-religioso, marcado por uma situação de inferiorização a que estão muitas vezes sujeitas pela mão de cidadãos comuns, instituições públicas ou de outras igrejas cristãs. Para estes, a visão do mundo e a avaliação do conhecimento faz-se muitas vezes através de uma desqualificação da oralidade e da sua expressão, e do uso de determinados rituais tradicionais, em contraposição com equivalentes como a cultura literata, a habilidade para se expressar na linguagem escrita e o uso de rituais de tipo ocidental, que se apresentam como sinais do desenvolvimento, modernidade e democracia (Harries, 2001). As pequenas igrejas Zione que foram objecto do nosso estudo no bairro Luís Cabral, situam-se no âmbito deste quadro acabado de referir. Assim, embora numericamente elas não possam ser classificadas como uma minoria, acabam por ser excluídas por fugirem aos padrões estabelecidos pelo modelo de sociedade onde estão inseridas.

A exclusão gera um processo de reagrupamento e de reconhecimento recíproco e a reemergência de alternativas14 e de novas identidades, entre as quais as religiosas. É justamente em torno desta identidade que se criam redes de solidariedade e através das quais se faz da integração dos cidadãos. Numa sociedade onde o Estado está praticamente ausente na sua qualidade de garante do bem-estar dos cidadãos e se apresenta fraco e erodido, como a situação que

---

14 O que não significa automaticamente que esse reagrupamento consiga pôr fim a essa mesma exclusão. Há que analisar para cada caso, até que ponto essas alternativas, entre as quais os movimentos de solidariedade, são realmente formas de alteração da situação vigente, ou se apenas formas de sobrevivência.
caracterizou Moçambique nas duas últimas décadas do século XX, este não pode garantir a defesa legal dos direitos dos cidadãos, o que leva consequentemente a uma crise do próprio conceito de cidadania, que se deve pautar pelos princípios da defesa legal dos direitos civis e humanos dos indivíduos. Estamos perante um processo, em que as redes de solidariedade que acabámos de referir acabam por funcionar como uma alternativa de gestão social para a minimização das consequências da ausência do estado na produção do bem-estar, e para o restabelecimento do equilíbrio da sociedade.

Numa sociedade onde os meios de pertença, e no geral, o tecido social foi afectado pelas crises sucessivas que assolaram o país, agravadas pela guerra e frequentes processos de migração, a moralização da sociedade e o apelo aos valores morais cristãos podem ser interpretados como uma forma de reconstrução social. Neste processo, a igreja desempenha uma função integradora, em oposição ao processo de exclusão, na medida em que consegue reagrupar indivíduos ligados pela identidade religiosa, contribuindo assim para o restabelecimento da coesão social. A sua função integradora, permite-lhe contribuir para a coesão social, quer através do impacto provocado pelos seus rituais de cura e purificação social, quer ainda através do restabelecimento das famílias, a moralização da sociedade, a reconciliação e o garante permanente de uma cultura de paz.

As pequenas igrejas Zione expressaram as suas posições de forma quase invisível, ao contrário das igrejas com ligações internacionais e de maiores dimensões que assumem formas mais aberta de intervenção social (Ranger, 1995). Assim, apesar de socialmente e politicamente excluídos, os Zione souberam educar os seus crentes sobre os seus deveres e direitos perante a sociedade, e sobre o exercício dos seus direitos de cidadania. Os processos eleitorais, mesmo que representando apenas uma forma de participação política, e com todas as limitações que lhe são caraterísticas, desde as fases de preparação ao processo de voto, são uma pequena ilustração das capacidades e da influência destas igrejas, onde se pode ver a sua participação não só como cidadãos, mas também como crentes, ou através das suas comunidades religiosas, que embora assumindo posições apertadárias mostraram-se abertas para a difusão das campanhas de educação cívica dos seus crentes, onde o respeito pela
diferença é uma característica marcante. Estes exemplos mostram-nos que apesar de difusas na sua natureza, heterogéneas e muito localizadas, as igrejas Zione são uma força política e social potencial que não pode ser ignorada.

Referências bibliográficas


Figueira, M. (s/d.) *Seitas Religiosas em Moçambique* (mimeo).


INE (Instituto Nacional de Estatística) (1999). *II Recenseamento Geral da População e Habitação 1997: indicadores sócio-demográficos, Niassa; Nampula; Maputo cidade; Maputo Província; Zambézia; Tete; Sofala; Manica; Cabo Delgado; Gaza e Inhambane. Maputo*, INE


Morier-Genoud, E. (1998), 'Ya-t-il une spécificité protestante au Mozambique?' Lusotopie, 407-420


_____ (1976), Zulu Zion and some Swazi Zionists. Uppsala, Gleerups.


